



EDITORIAL

ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Em janeiro, o avolumar de uma crise militarizada na fronteira entre a Rússia e a Ucrânia toldou o futuro europeu. Mas a Rússia de que falamos neste número é a Rússia do passado, um passado brilhante e sempre atual: é a Rússia literária, a Rússia de Dostoievski, cumpridos dois séculos do seu nascimento. Pedimos a dois especialistas da ELACH uma reflexão sobre a efeméride. De resto, janeiro ficou marcado pelo arranque da Aliança de Pós-Graduação (cf. PRR) e dos concursos de promoção interna (cf. Dec-Lei 112-2021) anunciados pela Reitoria. São motivos para um novo fôlego a animar o início de 2022. I.E.

INAUGURAÇÃO



ARTE IMPRESSA

Foi inaugurada a 15 de janeiro, no Museu Nogueira da Silva, a exposição “Matéria Impressa; Matéria Nómada”, com curadoria de Márcia Oliveira (à dirª na fotografia), organizada no âmbito do projeto Womanart (à esqª, Ana Gabriela Macedo, coordenadora do projeto). A exposição estará patente até ao dia 5 de março de 2022.

DEBATE

A 26 de janeiro decorreu mais uma sessão de discussão de projetos de doutoramento do Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM).



SEMINÁRIO

SOBRE ALMUDENA GRANDES

No dia 11 de janeiro Aránzazu Calderón (da Universidade de Varsóvia) deu um seminário intitulado “Las mujeres, parias (conscientes) entre los parias del pasado en la guerra interminable de Almudena Grandes”. Em foco esteve a representação das mulheres como um coletivo em *Episodios de una Guerra Sin Fin*, de Almudena Grandes. Mais concretamente, discutiu-se como uma vasta gama de personagens femininas foram sujeitas ao binarismo e às restrições sexuais do paradigma do Nacional Catolicismo, que impôs uma sexualidade heteronormativa, orientada para a reprodução e castradora do prazer feminino.



O CINEMA COMO FILOSOFIA

Diana Neiva apresentou o projeto “Filosofar através de experiências mentais cinematográficas”, o qual adota a abordagem “mental modelling” sobre experiências mentais, ajudando a explicar como podemos obter conhecimento filosófico através de filmes ficcionais.



A POESIA DO IRMÃO BRONTË

Hugo Machado prepara a sua tese de doutoramento sobre o elemento menos conhecido – e o único masculino – da prole Brontë: Branwell, figura trágica e controversa da literatura vitoriana.



PROJETO

LER NA EUROPA HOJE



Conversámos com Maria de Jesus Cabral, do Departamento de Estudos Românicos, coordenadora em Portugal do projeto “[LEA!](#) Lire en Europe Aujourd’hui”: “LEA” é um projeto marcadamente internacional, com uma continuada atividade de mais de uma década. Como surgiu e quais os momentos que o marcaram? A criação do *LEA!*, em 2007, dá-se num contexto de convulsões académicas em torno dos estudos de literatura. A convicção do pequeno grupo fundador, oriundo dos estudos franceses e comparados, era de que o “perigo” (lembrando o célebre ensaio de Todorov, desse mesmo ano) ganharia em ser desafiado de modo transfronteiriço. Esse perigo advinha, em parte, da forma como se abordara o texto literário, antepondo à sua leitura todo um aparelho conceptual, desvinculando-o de aspetos fundamentais: o prazer, a curiosidade, a colaboração criativa dentro e fora dele. O *LEA!* cresce e usa o francês como língua de intercâmbio, tanto a nível da investigação como da formação (pós-graduada), para explorar como lemos n/o mundo globalizado, ou como o paradigma digital interpela modos específicos de leitura e de escrita. Como avalia os resultados de investigação e o impacto da iniciativa na comunidade científica e na comunidade em geral? Muito positivamente. Basta considerar a produção bibliográfica e as múltiplas atividades (disponíveis no *site*), para termos uma ideia da produtividade e disseminação abrangidas. Promissor é também o *Rich Annotator System*, resultante duma articulação com a Academia das Ciências húngara, com valências para a edição digital e para o aprofundamento da leitura à dimensão dos *arrière-textes*... Ao complementar sempre mais a investigação com a prática, pautamo-nos pelo princípio de mútua fertilização e encorajamos a literacia, um dos desafios sociais mais prementes. Que juízo faz da evolução e situação atual do francês como língua de ciência e cultura? Creio poderemo-nos congratular com um reverter da situação, comparativamente há vinte anos atrás. Existem redes sólidas, projetos de investigação em numerosos centros, programas bilaterais com universidades de língua francesa, sem esquecer a procura ascendente do francês em todos os níveis de ensino.

200 ANOS DE DOSTOIEVSKI

Exibida em Azurém no mês de dezembro, a mostra “Dostoiévski no Cinema e no Teatro” foi inaugurada a 14 de janeiro no espaço B-Lounge da Biblioteca Geral, no campus de Gualtar, com a presença do Conselheiro de Assuntos Culturais da Embaixada da Rússia, Vladimir Iaroshevskii, e



da Vice-Reitora para a Cultura, Joana Aguiar (na imagem acima, com a Presidente da ELACH, Isabel Ermida). Fizeram apresentações o professor visitante do CEHUM Flávio

Vassoler (primeiro à esq^a na imagem ao lado) e a professora do Dep. de Estudos Germanísticos e Eslavos, Nadejda Machado (segunda à dir^a, junto ao Dr. Eloy Rodrigues). Celebra-se, assim, o bicentenário de nascimento do célebre escritor russo Fiódor Dostoiévski (11/11/1821). Autor de oito romances e mais de 20 novelas, é figura cimeira da literatura universal. “Uma leitura profunda de Dostoiévski – escreveu o filósofo Nikolai Berdiaev – é sempre um acontecimento da vida, algo que

queima e em que a alma recebe um novo batismo de fogo. Uma pessoa que ingressa no mundo de Dostoiévski torna-se uma nova pessoa. Dostoiévski é um grande revolucionário de espíritos.” A presente exposição foi organizada conjuntamente pelo grupo de investigação NETCULT do CEHUM da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, pelo Serviço de Documentação e Bibliotecas da UMinho e pela Fundação Mundo Russo, com o apoio da Casa da Rússia em Lisboa.



OPINIÃO

DOSTOIEVSKI EM PORTUGAL

Por: Nadejda Machado (DEGE)

A primeira tradução conhecida de Fiódor Dostoiévski em Portugal foi o conto *A Árvore de Natal* (Correio da Manhã, 1886) e o romance *O Crime e o Castigo* que saiu em 217 folhetins em *O Repórter* (1889).

A obra dostoiévskiana torna-se cá mais marcante a partir de 1920, com o aparecimento do livro *Dostoiévski*, de André Gide. Agostinho da Silva, admirador convicto do escritor, dedicou um número dos seus *Cadernos* (1941) a *O Grande Inquisidor*, parábola extraída de *Os Irmãos Karamazov* sobre a liberdade de pensamento. Este pequeno livro incitaria outros estudos: Gaspar Simões, destacado tradutor de Dostoiévski, publica, na *Presença*, o ensaio “Depois de Dostoiévski”; Pedro Nascimento, eminente dostoiévskiano, traz a lume “Algumas notas sobre *Os Possessos de Dostoiévski*” (1947); e Augusto Abelaira identifica “o grande inquisidor” com Salazar e a PIDE. Neste contexto, nomes como Leonardo Coimbra, Álvaro Ribeiro, Santana Dionísio ou José Marinho denotarão influências da literatura russa, e a Geração da *Presença* (João Gaspar Simões, José Régio, Casais Monteiro) fará dela grande publicidade.

Vários escritores buscaram nas obras de Dostoiévski respostas a perguntas existenciais. Agostinho da Silva enfatizaria a ideia do valor da dúvida, do “provisoriamente verdadeiro”; Pedro Nascimento, a tragédia do destino humano e suas perdas na rede ilusória dos enganos; Eduardo Lourenço, visitante da casa-museu de Dostoiévski em Leninegrado (1978), a saga infernal da tragédia humana de *Os Irmãos Karamazov*, fazendo assentar o paradoxo da obra dostoiévskiana na capacidade de transformar um simples ou ordinário *fait-divers* numa aventura metafísica ou religiosa ou num problema de vida ou morte; finalmente, Vergílio Ferreira sintetizará a questão metafísica desta obra nas frases: «Se não há Deus, tudo é permitido» (Ivan Karamazov); «Se não há Deus, eu sou Deus» (Kirilov).

Outra vertente atrativa da obra dostoiévskiana foi a psicológica. Para Gaspar Simões, Dostoiévski alterou radicalmente a visão da literatura sobre o homem, influenciando toda a literatura moderna – sem Dostoiévski, Kafka não teria existido; Natália Nunes confessa afinidades com o escritor russo enquanto pneumatólogo e observador do espírito; e Agustina Bessa-Lúis enaltece a capacidade excecional do autor na leitura do humano.

Concluimos, com Raul Brandão: “A obra de Dostoiévski é uma das mais notáveis que o mundo produziu, pela constância do amor, pela profundidade da tragédia, pela absoluta sinceridade com que examinou a sua alma e, por ela, a alma de todos os que, na terra, vivem e morrem mergulhados na dor”.

A ATUALIDADE DE DOSTOIEVSKI

Por: Flávio Vassoler (CEHUM)



Em 2021 celebrámos o bicentenário de nascimento do escritor russo Fiódor Dostoiévski, cujas agruras financeiras – da pobreza ao vício da jogatina, mote que o levou a conceber a novela *Um jogador* – sempre o levaram a escrever à pressa, premido pelos editores que lhe faziam adiantamentos, à diferença do que acontecia com seus pares literários mais abastados, como Ivan Turgueniev e Liev Tolstoi, que tinham tempo e folga devidos para esculpir, polir e arrematar o estilo de suas obras.

O século XIX deu à luz ressignificações históricas radicais, tais como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, as descobertas evolucionistas do inglês Charles Darwin, a imaginação e o ímpeto revolucionários dos socialistas e os questionamentos sobre a existência de Deus.

Imbuído do espírito de sua época, o jovem Rodion Raskolnikov, (anti-) herói do romance *Crime e Castigo*, chega à conclusão de que, se a modernidade está exilando Deus da história, é preciso matar o “Não matarás”, mandamento angular do judaico-cristianismo. É assim que, para verificar se fazia parte da seleta camarilha dos seres extraordinários, para quem tudo é permitido, Raskolnikov realiza um experimento niilista: munido de um machado, ele racha o crânio da usurária Aliona Ivanovna, para quem o jovem empenhara sua pobreza, e, de quebra, acaba matando a irmã da vítima inocente, Lisavieta, que tivera o azar de aparecer na cena do crime.

A admoestação é sintomática: quem viola a fronteira da Lei uma vez poderá fazê-lo sempre. 70 anos depois, um parente niilista de Raskolnikov, o ditador Ióssif Estaline, chegaria a dizer que uma morte é uma tragédia; um milhão de mortes, porém, seriam material estatístico.

O dito de Estaline é importante para compreendermos que, do duplo homicídio de Raskolnikov até à nossa época, camadas de hierarquia e alienação se interpuseram entre a concepção e a execução dos crimes, de modo a alijar os mandatários das dimensões morais e jurídicas do castigo. Quando a guerra se torna asséptica e se vê desprovida até mesmo da humanidade do ódio pelo facto de assassinatos serem executados por drones; quando uma pandemia ceifa vidas humanas em proporções holocásticas e, mesmo assim, eleitores mundo afora ainda reservam altos índices de popularidade a políticas públicas desastrosas, é preciso lançar Dostoiévski contra si mesmo para dizer que, hoje, falamos em “*crimes sem castigo*”.